

ESTAFETA

PERIODICO IMPARCIAL

Proprietario e principal Redactor—José Pereira Lopes.

ANNO I

E. UNIDOS
DO
BRASIL

ASSIGNATURAS
Por anno:
Capital 8\$000
Interior 10\$000

THEREZINA, 18 de Setembro de 1898

REDACÇÃO E
OFFICINAS:
Praça de Uru-
guayana n.º 17.

ESTADO
DO
PIAUHY

NUMERO 42

Redactores—Drs. Laudelino Baptista e Abdias Neves.

EXPEDIENTE

As publicações particulares são cobradas à razão de 100 reis por linha. Quando reproduzidas—pagarão dous terços—66 reis pela primeira reprodução e 50 reis pela segunda.

Todas as publicações de caracter particular são pagas, qualquer que seja a pessoa que as remetta, assignante ou não.

ESTAFETA

Propriedade rural no Piauí.

Não nos propomos a fazer um trabalho completo sobre tão importante assumpto; entretanto vimos trazer o subsidio de nossa experiencia para o estudo de uma das questões q' mais nos interessam, contribuindo dest'arte para a confecção da lei que parece estar imminente e de que a de n.º 168 de 4 de julho ultimo, que acaba de ser votada pela Assembléa Estadual, é a necessaria precursora.

Não soffre duvida esta verdade: a questão da propriedade agraria no Brazil foi sempre mal curada. Todavia, em toda parte, mormente nos paizes de população muito densa, é ella uma das mais importantes manifestações da riqueza, podendo se calcular, sem medo de errar, a grandeza de uma nação pelo cuidado que aos seus filhos merece o respectivo solo. Esta regra salva, contudo, as raças que uma degenerescencia organica encurtou as vistas e as aspirações.

Tem o nosso Estado muitos bilhões de hectares de terras, muitas dellas especialissimas não somente para a criação, nossa principal industria, como também para a lavoura. Entretanto que valor têm as terras en-

tre nós? Nenhum ou quasi nenhum, provindo esta circumstancia muito principalmente do communismo da propriedade agraria, apenas particularisada em pequenos trechos, soltos, mal limitados, indivisos no *jurgi-to vasto* das terras compostas. No entanto não ha propriedade mais importante do que o solo; delle deriva toda a riqueza de um paiz, sendo alem disso um dos mais poderosos elos entre o individuo e sua Patria; —e aquella derivação é mais notavel e esta ligação mais estreita quando o solo é dividido, unipossuido, pois neste caso constitue um como que—prolongamento da propria familia.

No vale do Parnahyba, porém, isto não se dá. As terras foram dadas nos tempos coloniaes por grandes trechos, ordinariamente de nove mil braças de frente (3 legoas) com tres mil de fundos (1 legoa) constituindo o que se chama uma sesmaria. Destas algumas conservam ainda o character linear nas respectivas posses, sempre com os fundos correspondentes (tres mil braças); outras, porém, perderam este character e são divididas em *posses*, cuja origem é difficillima de determinar e de reportar ás outras compossuidas.

Não se pode dizer que não tenhamos leis para a descriminação das terras em commum. Para a divisão e demarcação das terras particulares, temos o Reg. n.º 720 de 5 de setembro de 1890; e para a descriminação das terras devolutas temos o Reg. de 8 de maio de 1854. Ainda temos sobre a materia o Regulamento Estadual de 28 de novembro de 1896. Mas estas tres leis, confeccionadas em epochas distantes uma das outras e em logares—as duas primeiras, de condições muito differentes das nossas, não podem satisfazer. Ellas pre-

cisam ser fundidas, unificadas o seu espirito, adoptadas ás nossas condições mesologicas, de maneira a se poder esperar dellas proficuo resultado, nesta obra imensa da disissão e consequente valorisação do nosso solo, de que a lei n.º 168 de 4 de julho ultimo é a pedra fundamental.

(A seguir).

VERGONHOSO

Não podemos deixar passar em silencio, embora peze-nos a narração de factos tão dependentes, o procedimento indecoroso que tiveram certos rapazes de nossa sociedade, na igreja de N. S. das Dores, por occasião da celebração do terço que todos os domingos tem lugar naquelle templo.

No momento em que o reverendo conego Gil pregava, um sermão de mais repassada mansidão e conselhos, alguns moços principiam a fazer uma bulha infernal como si estivessem em uma casa de mercado e não em um lugar onde devem reinar todo silencio e respeito. Advertidos pelo vigario que pediu-lhes que conservassem-se como mandam os mais rudimentares principios de educação domestica, elles não obdeceram e ao revez principiam a jogar biscutos e outros bolinhos em algumas senhoras que achavam-se no recinto da igreja. Em vista disto, o conego Gil viu-se obrigado a suspender a celebração do acto religioso, em prejuizo dos verdadeiros catholicos que ali vão ouvir a palavra sagrada de tão distincto sacerdote.

E' realmente lamentavel que moços que devem esmerar-se o mais possivel em seu procedimento, moços de familia que frequentão a melhor sociedade, deem um documento tão palpavel de falta de educação como este que aqui deixamos. Isto que passou-se na igreja das Dores é uma vergonha que não avilta somente a quem o pratica como a uma sociedade inteira. Porque a verdade, ainda que dura, é esta: os autores de tão revoltante factio, não foram garotos da rua, peraltas de esquina, ou frequentadores de prostibulo, não; foram, repetimos embora com a alma enveoa-

da de tristeza, moços de honrada sociedade.

Agora que nós occupamos deste procedimento indigno, devemos deixar escripto tambem, ao menos como um grito de indignação, que não é só nas igrejas que estes actos se reproduzem.

Parece que atravessamos uma quadra de subversões e corrupções, de degenerescencia de caracteres que todos notam. Dir-se-ia que nossa mocidade, com rariissimas e honrosas excepções, acha-se influenciada por uma *chuvrosê* de nova especie que leva-a á pratica de actos merecedores da mais severa punição.

E' assim que não pode haver festa por mais intima e modesta que não haja um facto aviltante e vergonhoso. Ora, é a lucta corpo a corpo na rua, á cacetadas e taponas, ora é a descompostura baixa e pequenina em moços que não querem dançar com certos moços, ora é a criação de appellidos feios para senhoras, ora é a embriaguez em plena sala de baile, embriaguez palavrosa q' acarreta um cortejo de vergonha.

Ainda como prova do que affirmamos, ha dias houve na rua Grande um baile que a psychologia popular appellidou de «caroço» em que só dançavam rapazes com rapazes!

Haverá cotisa mais insipida, mais insulsa, mais tola, ao mesmo tempo mais vergonhosa e mais ridicula? Não será isto um verdadeiro caso de depravação esthetica, uma verdadeira degenerescencia, como diria Max Nordau? Creemos que sim. E como estes muitos outros factos têm-se occorrido em nosso meio que por falta de espaço não mencionamos:

CARTAS REGIFENSES

(Serviço particular do Estafeta)

i

Quinta-feira, 18 de Agosto de 1898.

Precursora do esplendido dia que ja descamba no seu occaso, a bellissima aurora de hoje, trajando as douradas e purpúreas vestes que lhe empresta o louro Phebo, imprime á Natureza celestial encanto.

O ambiente, saturado desse perfume subtil e inebriante

que se evola das plantas, banhado por essa luz vivificante e creadora do nascer do sol, conforta, convida á actividade todas as classes sociaes.

A briza marinha, purificada pelo oxygenio, beija docemente a face oriental desse futuro Estado, proporcionando a todos os seres creados uma manha de inveja.

Flutuantes, brancas como a innocencia, puras como a harmonia, de espumas oceanicas, flócos immensos, ao contacto dos primeiros raios solares, apresentam lindissimas cambiantes.

Em pleno refluxo das cereleas aguas, os bellos arrecifes, cortando a face lisa do mar, mostram o seu denegrido dorso, ora parecendo extensa fita no horisonte, ora lembrando uma dessas colossaes montanhas vistas a grandes distancias pelo viajor do verdes e aprasives campos do nosso sempre querido Piahy.

Centenas de embarcações, de varios tamanhos e formas, guarnecem, em symetrica e apurada ordem, o vasto ancoradouro interno.

Semelham uma dessas florestas de alterosos cédro de-pidos pela friagem, seus gygantes cosmastros, onde tremulam innumeras bandeiras de nacionalidades varias, de cores e de formas multiplas.

Espectaculo grandioso e-se, scena agradabellissima essa que apresenta, no te dia, o nosso porto, um dos mais formosos da America do Sul.

La fóra, no ancoradouro externo, ali, acolá, mais além bordejam enormes galéras, grandes vapores, sobre as ondas revoltas do oceano aberto.

Entre elles está o «Thame», tão esperado, tão desejado por toda a gente.

E porque? Porque o futuro presidente da republica brazileira, depois de longa e gloriosa viagem recreativa ao velho mundo, onde recebera todas as gentilezas possiveis, onde fora alvo das mais ruidosas manifestações officiaes e particulares, regressa a sua patria estremecida e pisa em primeiro logar o solo pernambucano.

Sim, é o exm. sr. dr. Manoel Ferraz de Campos Salles quem congrega no pateo interno do Arsenal de Marinha, onde se deve effectuar o desembarque uma ala do 14.º batalhão de infantaria, os corpos de aprendizes marinheiros e menores do Arsenal de guerra, toda a força de policia, de infantaria, de cavallaria do Estado.

Explend da guarda de honra essa que manobra ao som de hymnos marciaes, emquanto que o aneio, pela demora de desejado hospede, cresce, cresce sempre.

As 9 horas da manha, mais ou menos, uma dourada galéota precedida pelo rebocador «Amadeu», escoltada por avultado numero de rebocadores, lanchões, escaleres, & trazia á terra o dr. Campos

Salles, a cujo lado notavam-se o dr. Governador do Estado, o sub-prefeito do municipio e o dr. Tobias Monteiro, «sympathico redactor do «Jornal do Commercio», que acompanhara s. exc. a Europa.

Receberam no, ao pisar terra firme, as commissões da Faculdade de Direito e da Associação Commercial Beneficente.

Apóz ligeiros cumprimentos e rapidas apresentações, s. exc. tomou logar, ao lado do mesmo Governador, e do general Arthur Oscar, no grande e riquissimo «claudau» tirado por duas bonitas parellhas da cor da neve.

Seguiram-no, n'outros carros, o dr. chefe de policia, o dr. sub-prefeito municipal, as commissões dos corpos docente e discente das Faculdades de Direito e engenharia, representantes do senado, camaras dos deputados, superior Tribunal do Estado, do Instituto Archeologico Pernambucano e varios outros cavalheiros situacionistas.

Na séde da Associação Commercial, saudou a s. exc. o seu respectivo presidente.

O dr. Campos Salles agradeceu em frases eloquentes, garantindo que o seu governo «será de paz e ordem; de auxilio e incentivo ás industrias; de protecção ao commercio e demais classes conservadoras; que envidará esforços no sentido de realizar o melhoramento do porto do Recife».

No livro dos visitantes da mesma Associação elle escreveu:

M. Ferraz de Campos Salles—18 de Agosto de 1898.

D'ali partira a committiva para o palacio do governo, onde o dr. Correa d'Araujo, tinha preparado, a sua custa, um lauto banquete, cujo «menu» foi este:

«Almoço offerecido ao illustissimo sr. dr. Campos Salles—18 de Agosto de 1898—Consommé a la raine; sallada russa de salmon; peixe a la Campos Salles—sauce piquante; croquettes delirantes de camarões; costelletas Jardinières a la Rosa e Silva; filet au champignons a la Correa d'Araujo; salmis de patorys; a la Sigismundo Gonçalves; roastbeef garni a la José Marcellino; perú assado e Janbon de York a la P. de Moraes; pudding Brazil-creme republicano; sorvete a la vanille; licores diversos; café, & &».

«Vinhos: Haut Barzac, Graves superier, Krez, Saint Emilion, Madere, Chateau La roze, Charbutiu extra, Champagne, Porto, &».

Apenas iniciou-se o serviço do almoço, que correu em boa regularidade, o Governador brindou ao dr. Campos Salles; o desembargador Sigismundo Gonçalves, pelo Senado, ao mesmo; o general Arthur Oscar, pelo exercito, ao mesmo; o Director da Faculdade de Direito, ao mesmo.

O dr. Campos Salles, fez o

brinde de honra—a Pernambuco, na pessoa do conselheiro Correa d'Araujo, governador do Estado.

Logo depois do almoço o dr. Campos Salles visitou o Theatro Santa Izabel, o Lyceu de Artes e Officios, o mercado publico de S. José e o conselho municipal, onde o sr. Santos Selva proferio um discurso, cujo exordio a reportagem assim fez publicar:

O sr. Santos Silva (movimento de attenção) «Meu illustre amigo e cor... r... r. eligionario dr. Campos Salles: Eu sou o secretario do conselho municipal...»

«Vorrei os vossos olhos pr'a este paiz (o orador queria referir-se ao municipio) pr'a este paiz e façais alguma cousa por nós...»

O dr. Campos Salles (diz o repórter) ensaia um gesto de quem quer fugir; o sr. Bianor de Medeiros e o sr. Coelho Leite acenam para o orador um ponto final, emquanto o o sr. Fragoso e o sr. Sebastião Galvão puxam-lhe pelo rabo do «redingote».

Quando o orador terminou o sr. Fragoso segredou no ouvido do sr. Coelho Leite:

Felizmente, não disse que era deputado».

A's 2 1/2 horas da tarde regressou para bordõ o futuro presidente, recebendo ao embarcar as mesmas honras da chegada.

Effectivamente não foi uma recepção popular em que a alma desse heroico povo que vio Caneca e Bernardo Vieira, tomasse o seu delirante logar.

Não fosse o cortejo official que segue todos os actos em que se empenham os governos, a recepção do emittente estadista, seria a de um simples mortal, passaria, talvez ignorada.

Induz nos a estas affirmações comparal-a com as recepções que tiveram José Mariano em 94, o 14 batalhão e o general Oscar em 97, onde o povo, unido como um só homem, entusiasmado, ruidoso, interceptára, por tres dias, o transitio facil das ruas, paralizára a actividade mercantil, industrial da vida ordinaria para só cuidar, para se entregar todo a essas delirantes manifestações, tão eloquentes quanto espontaneas, quanto expressivas.

Corroborá ainda o nosso modo de julgar o facto seguinte; quando o dr. Campos Salles assomou a vasta sacada do palacio do governo, para se apresentar, para se confraternisar com o povo que do jardim do Campo da Republica procurava vel-o, o sr. Estacio Coimbra, deputado estadual, bradou: «viva o dr. Campos Salles».

E o silencio, na sua eloquente nudez, deixando ouvir o ciciar monotonio dos verdes e espalmados leques das portentosas palmeiras do jardim, harmonisando-se com o ranger lugubre das cazuarinas, foi o unico conviva que correspon-

deu a demonstração d'aquelle legislador !!

O dr. Campos Salles, dil-o a «Provincia», filizmente um espirito observador e criterioso, não interpretará por certo, o facto de deixar de ser correspondido o «viva» como uma quebra da gentileza tradicional do pove por excellencia hospitaleiro, generoso e affectivo...

Elle comprehenderá tudo. E' que esse povo, aliás soffredor e paciente, verga ha tempos, ao peso de moles insupportaveis, de um infortunio atroz, superior a toda resignação.

Acto de pacifica hostilidade, o silencio do povo não ferio ao illustre visitante, porem sim o partido impopular que o recebeu officialmente.

Esse povo acha-se, com muita razão, completamente divorciado dos governantes.

E o «viva» partira de um delles; eis ahi tudo.

Na sua patria, dil-o tambem a «Gazeta da Tarde», o vacuo se fez em torno da sua notabilissima pessoa.

E porque? Porque esse officialismo que nos está des-governando não traduz por certo o sentimento da alma popular.

Ahi ficam, em synthese, os traços caracteristicos que podemos colligir dos festejos aqui realizados em homenagem ao nosso futuro primeiro magistrado, e agora que o «Thames» vai soerguendo a sua pesada ancora e ouvir se fazem os sons estridulos da saudosa despedida, nós fazemos votos sinceros para que na capital da Republica a recepção do illustre propagandista d'outr'ora, se eleve as alturas dos seus reaes merecimentos.

Terminamos aqui em vista da espiensão que percorremos.

N. B.

Escrinio Litterario

Um apologo

Era uma vez uma agulha, que disse a um novello de linha.

—Porque está você com este ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma cousa neste mundo?

—Deixe-me senhora.

—Que a deixe! Que a deixe, porque? Por que lhe digo que está com um ar de insupportavel? Repito que sim, e fallarei sempre que me der na cabeça.

—Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Im;

portê-se com a sua vida e deixo a dos outros.

—Mas você é orgulhosa.

—De certo que sou.

—Mas porque?

—E' boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama quem é que os cose, senão eu?

—Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora quem os cose sou eu, e muito eu.

—Você fura o panno, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados!...

—Sim, mais que vale isso? Eu é que furo o panno, vou adiante, puxando por você que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando.

—Tambem os batedores vão adiante do imperador.

—Você, imperador?

—Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno; indo adiante, vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e infimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou a casa da baroneza. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baroneza, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás d'ella. Chegou a costureira, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas pelo panno adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ageis como os galgos de Diana—para dar a isto uma côr poetica. E dizia a agulha:

—Então, senhora linha, ainda teima no que dizia ha pouco? Não repara que esta distincta costureira só se importa commigo; eu é que vou aqui entre os dedos della, unidinha a elles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ella, silenciosa e activa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ella não lhe dava resposta, calou-se tambem e foi andando. E era tudo silencio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no panno. Cahindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda n'esse e no outro, até que no quarto

acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile e a baroneza vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessario. E enquanto compunha o vestido da bella dama, e puxava a um lado ou outro arregaçava d'aqui ou d'alli, alisando, abotoando, alcóchetando, a linha, a linha para moçar da agulha, perguntou-lhe:

—Ora, agora diga-me, quem é que vai ao baile, do corpo da baroneza, fazendo parte do vestido e da ele-

gancia? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você vai para a caxinha da costura, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete de grande experiencia murmurou á pobre agulha:

—Anda, aprende, tola. Canças-te em abrir caminho para ella e ella é que vai gozar da vida, enquanto ahi ficas na caxinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

MACHADO DE ASSIS.



Scherzo

«Não de outro modo, assim meus soffregos desejos,
Em matilha voraz os allucinados beijos,
Percorrem-te o primor ás languorosas linhas...»

THEOPHILO DIAS.

*Ave cançada em busca de um abrigo,
foi meu Desejo, azas ruflando, em fóra;
tinha sede de luz, queria a aurora
do teu sorriso meigo, suave e amigo.*

*Quiz o mel dos teus labios, e, Senhora,
—que momento fatal, como o maldigo!
ELLE cançado em busca de um abrigo,
foi repousar no collo teu n'essa hora!*

*Foi!... E a carne era quente e perfumada,
qual se houvesse por alguém sido banhada
em aroma de rosas extrahido.*

*Foi! Mas ficou—pobre louco!—embriagado,
na volupia de um goso não sonhado,
entre os dois seios teus adormecido!*

ABDIAS NEVES.

A MAR

(AO DR. LAUDELINO BAPTISTA)

*Amar é ver em meio á treva densa
Bruzolear alviçareiro sol!
—Nauta perdido em cerração immensa,
Divisar muito ao longe algum pharol!*

*E', cançado, entrever lá no horisonte
O tecto da cabana hospitaleira!
E', sedento, avistar limpida fonte
A' sombra amena de gentil palmeira!*

*Oh! amar é mudar a noite em dia!
Converter a procella em calmaria,
Dar à tristeza—perennial sorriso!*

*E' antegosar o que no céu se gosa...
No transporte d'um sonho cor de rosa,
Achar, mesmo na terra, o paraíso!...*

Campo-maior.

VALDEVINO TITO.

PARA DISTRAHIR.

Logogripho

Aos collegas do «Estafeta».
Um democrata exaltado—1,10,11,
2,5,8,7,13.

Neste estreito italiano—5,2,7,12,9,
10,11,8,6.

Trocou um bocado de peixe—9,
10,7,4,11,10.

Por um sobretudo de panno—11,
10,3,10,11,10,13.

Conceito

Herce, sabio e poeta,
Patriarcha da Independencia,
Foi o brasileiro mais distincto
Na politica, na sciencia.

Th. Dalbret.

Charadas

1—(Ao Lauro Pinheiro) Tem bella
cor esta arvore, meu amigo.—2,3.

2—Fructa, prónimo, medida e ar-
vore—2,1,1.

Luar.

3—(Por syllabas). A... parecia-se
com... e com...

4—Quem zomba desta planta que
dá tão bella flor?—1,2.

R. Lapixinho.

5—(Ao Luar). No Piauhy ha um
animal ladrão—1,2.

6—A segunda nota de musica é
tambem um signo.—1,1,1.

J. Gomes.

7—(Ao Mario). Destroe os infeis
este valentão.—2,2.

Fran Portel.

8—Sim, eis um azeite da Grecia,
—1, 3.

C. B.

9—(Syncopada). No baralho ha
uma máthia—

Anax.

10—(Ao Gomes). Um tom de voz
enfadonho!—2,2.

Th. Dalbret.

Enigmas.

1—(A Lapixinho). A esquadra do
Almirante Cervera foi derrotada.
Onde está a figura?

Luar.

2—Qual é o homem que tem di-
nheiro?

Th. Dalbret.

Decifram:

Luar—11. Portel e Anax—9. La-
pixinho—8.

Decifrações

Republica dos Estados Unidos do
Brazil, Negroponto, Soturno, Bata-
ta, Ephialto, Morada, Xalapa, Cha-
lemanta, Diluto, Adda, Capota, Ca-
rinha e Pepino.

Correspondencia.

Joli.—Não tenha cerimonia.

Th. Dalbret.

Por conta alheia

Snr. Redactor,

A proposito do que se lê
no jornal «Estafeta» de 4 do
corrente mez, sob a epigra-
phe—Digno de reparo—faço
publico o que deu-se com o
cidadão Sabino Leopoldo de
Sant'Anna, em dias do mez
de julho ultimo por occasião
de ter a infelicidade de ir a
casa do sr. tenente-coronel

Manoel Feliciano Pereira dos Santos, levar ao seu conhecimento o procedimento de uma praça presa em serviço de faxina pelas 4 horas da madrugada o qual tentou bruscamente contra o pudor de sua filha menor que a essa hora banhava-se na rampa da rua da Gloria.

Narrado que foi o facto, a essa autoridade pelo digno funcionario publico Sabino Sant'Anna, pedindo serias e energicas providencias afim de continuar a manutenção da moralidade no seio da familia piauhyense, foi-lhe atirada em resposta ao seu pedido justo uma serie de grosserias e torpesas, dizendo já ter vindo feito para o Piauhy—batendo com arrogancia nos galões que lhe ornão o punho, e que nem visitas dos homens do Piauhy não queria em sua casa. («Tendo a poucos momentos sahido de sua casa o capitão Manoel Lopes, com sua exm^a familia) e que para o Piauhy só servia o capitão Senna Dias, porque vivia bebendo, trazendo o batalhão indisciplinado, achando-se presente o brioso official capitão ajudante do 35.º batalhão Maximiano Maurity—o qual testemunhou todas essas delicadezas.

Com todo o sangue frio peculiar aos piauhyenses o cidadão Sabino, agradeceu-lhe o bom tratamento que lhe havia despensado pela primeira vez que o vira e despedindo-se do tenente-coronel Manoel Feliciano, ouviu ainda o seguinte:—«Obrigado por ter vindo a minha casa provocar-me.

O capitão militar de policia Vaz da Costa e o cidadão Carlos José de Azevedo, também forão victimas das amabilidades do tenente-coronel Manoel Feliciano Pereira dos Santos.

O sentinela das armas.

Doninha

Para nós, em cujos corações a amizade que te consagramos, está escripta em lettras indeleveis, o dia de hoje, que é o do teu anniversario natalicio, é um vivo poema de todas as bellezas da terra. Aceita pois, querida irmã, os votos que fazemos ao Altissimo pela tua perfeita felicidade e os beijos das tuas irmãs

Christina.
Adelia.

18 de Setembro 1898.

Sympathica Doninha

A aurora de hoje nos annuncia um facto grandioso—o teu anniversario; e eu apar d'esse acontecimento que tanto te enche de prazer venho abraçar-te, amiga.

Cecilia Ney.

Thr-18-9-98.



A Sul America.

20.º PAGAMENTO.

Rio de Janeiro, 9 de junho de 1898.—Illms. Srs. directores da Companhia de Seguro de Vida Sul America.—Capital Federal.

Amigos e Srs.—Na qualidade de intermediarios na liquidação da apolice n. 140, de 12:356\$, sendo 10:000\$ pela quantia segurada e... 2:359\$ pela devolução dos premios pagos pelo segurado, o fallecido dr. Alfredo Corrêa da Silva, a favor de sua mulher e filhos na Companhia Sul America, fomos testemunhas não só da maneira attenciosa por que seus directores procuram simplificar o andamento dos documentos precisos, como também pelo modo por que abreviaram o respectivo pagamento, predicados estes que cada vez mais devem augmentar os creditos da companhia e a competência das pessoas que a dirigem.

Sem outro motivo, somos de VV. SS. Ven; Crs. e Obrs. Mayrink Abreu, Machado & C.^a

(2—1)

Declaração

Os abaixo assignados de claram ao sr. collecter das rendas estaduais do municipio de Campo-maior, que venderam sua fazenda «Olhos d'agua» ao dr. Agesislau Pereira da Silva, pelo que d'ora em diante somente elle deverá ser contemplado no lançamento dos distimos.

São José, 25 de Agosto de 1898.

José Olympio de Mello.

Altino Gonçalves de Mello.

(2—3)

Aqui, alli e alem

Telegrammas

Do «Republica», do Ceará. Rio, 2. Telegrammas de Pariz annunciam completo reviramento na opinião publica na questão Dreiffus. Foi descoberto a falsificação dos documentos. O facto causou grande sensação. O chefe do estado maior general Muton de Boisdeffre deu sua demissão, declarando que foram enganados pelo coronel Henry que hontem suicidou-se na prisão. Deram-se outras demissões no exercito.

Reclamam a convocação das camaras. A revisão do processo Dreiffus é inevitavel.

Rio, 3 Setembro. Continuam a despertar grande interesse as noticias da Franca.

Todos os membros do gabinete francez, a excepção do sr. Cavaignac, ministro da guerra, querem a revisão do processo Dreiffus, reclamada pelos principaes órgãos da Franca, depois da descoberta da falsificação.

A opinião publica desnorteada também é favoravel á revisão. Ha grande agitação. Tem havido numerosas baixas no exercito. E' crenga geral que as revelações provocarão a guerra com a Alemanha. Comegam as aclamações ao eminente escriptor E. Zola.

Onde iremos parar?

Não é a primeira vez que, destas columnas, o interesse que nos merece o bem estar do povo, nos tem levado a reclamarmos—e em certas occasiões com bastante árimonia—pelos desmandos que não podemos deixar de notar na gerencia dos negocios do nosso municipio.

Quando o povo enormemente veixado pelo peso esmagante dos impostos é obrigado a pagar estupendos tributos, é estranho que não tenha como recompensa todas as garantias, todos os bons proveitos de um regimen verdadeiramente democratico.

A não ser que por um phenomeno de retrocesso social tivessemos voltado aos tempos do feudalismo, não se concebe como pode perdurar um tal *statu quo*.

E' pessima a illuminação de Thezina. Se há um contracto, é impossivel que não conteha alguma clausula prevenindo o caso de má execução, estabelecendo multas ou outra qualquer penalidade.

A municipalidade tem uma coorte gigantesca de fiscaes que não deixam o seu *dulce far niente* para dar cumprimento aos seus deveres; os empregados são aos centenaes, em virtude porem de uma lei que não classificamos, o serviço está na razão inversa do numero de trabalhadores.

Nas ruas mais concorridas, o lixo accumula-se em proporções inexcusaveis. Na quadra que atravessamos, excessivamente quente, todos os cuidados são poucos para não alterar o nosso estado sanitario; ora, os principios mais rudimentares de hygiene são infringidos aqui, com uma indiferença, que pasma!

Onde iremos parar?

Consortio

Casou-se religiosamente em Natal, na tarde de 7 deste mez o sr. Raymundo Felix da Fonseca com a exma. sra. d. Maria Amelia Pessoa, dilecta filha do nosso particular amigo major Leocadio Pessoa, a quem felicitamos.

Parabens aos jovens despozados, com os votos que fazemos pela sua completa felicidade.

Estafeta.

Sob este titulo, lê-se na «Cidade de Caxias»:

«Segundo uma local inserida no n. 38 de 21 do expirante, d'esse nosso importante collega, da Thezina, entrou para a sua exma. redacção o illustrado sr. dr. Abdias Neves, que si bem que ainda moço ha-se salientado entre os mais salientes vultos das lettras do visinho Estado.

Já por diversas vezes temos lido algumas de suas brilhantes peças litterarias, as quaes bem revelam o incontestavel talento de que é dotado.

Portanto, accite o «Estafeta» um affectuoso—aperto de mão, pela tão feliz aquisição que acaba de fazer».

Dr. Antonio Moura

Acha-se a alguns dias entre nós o illustrado e distincto engenheiro militar cujo nome encina estas linhas, nomeado engenheiro das obras militares neste Estado. Cumprimentamol-o.

Coronel José Luiz

Regressou ante-hontem para Campo-maior este illustre cavalheiro. Boa viagem.

Jogo dos bichos

Segundo lemos no «Prauhy» de sabbado passado hoje deve comegar a funcionar nesta capital o celebre jogo dos bichos que tantos desastres tem occasionado em outros Estados. O annuncio de tal jogo, foi feito com todo cynismo e impudor no proprio órgão official, occultando o seu nome o introductor de tal calamidade.

Não sabemos como se fará aqui este jogo, visto como nos outros Estados elle está intimamente preso às loterias; mas seja como for, o annuncio do «Piauhy» é um flagrante desrespeito ao cod. penal, é um desafio à policia e um escarneo à sociedade.

Quando por toda parte os poderes policiees têm opposto uma resistencia ferrea a este jogo, rasgando poulas, prendendo bichitos e outras cousas mais, de modo que achase já quasi extinto em muitos logares, é que se vem tratar de introduzilo entre nós como imitação das grandes praças.

Não bastam as innumeradas casas de tavolagem que ali existem em todas as ruas, não basta esta jogatina desenfreada que como uma grande epidemia vae alastrando esta cidade e na qual tem se consumido capitães enormes, não basta tudo isto, não; é preciso mais o jogo dos bichos para glaudio dos que acham no jogo a sua unica diversão e o seu unico alimentô...

Chamamos por consequencia a attenção do illustre dr. secretario da policia. E' preciso extirpar a raiz do mal antes que este propague. A' imitação das outras capitães pedimos guerra ao jogo dos bichos.

Theatro fantoche

Devido a actividade do sr. Erres, o nosso publico vai ter occasião de assistir a uma serie de espectaculos interessantissimos no genero «fantoche».

Conhecemos a aptidão, que por mais de uma vez tem demonstrado o sr. Erres nesta terra, onde desgraçadamente ainda não foi competentemente avaliado.

O publico theziniense accorrendo ao «Theatro fantoche» presta simplesmente homenagem aos meritos de um artista trabalhador.

A casa de espectaculos é a mesma do sr. Erres, e, conforme estamos informados principiarão elles, hoje ás 7 horas da noite.

Processo Leão-Tavares

Por falta absoluta de espaço não podemos publicar neste numero a sentença do dr. juiz de direito, neste processo, o que faremos no seguinte.

Cartas Recifenses.

Publicamos hoje uma lindissima carta de um nosso illustre patricio residente em Pernambuco.

Para esta peça escripta com muita competencia e belleza de estylo chamamos a attenção dos nossos leitores.

Manufatura Caxiense.

Deve celebrar-se hoje na visinha cidade de Caxias o benzimento da importante fabrica manufatura daquella cidade, havendo em seguida uma missa cantada.

Seguir-se-á apoz os actos religiosos a exposição dos productos daquella importante fabrica.

Obito

Falleceu no dia 6 do corrente, na villa das Flores, o antigo carpinteiro Antonio Rodrigues da Silva. O finado era solteiro e contava 53 annos. Pezames a sua familia.